

A TECNOLOGIA NO CONTROLE DOS AFETOS

Jéssica Alves Ferreira 

Graduada em Psicologia pelo Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA
E-mail: jessicalvesfrr@gmail.com

Pedro Octávio G. Rodrigues 

Doutor em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano pela
Universidade de São Paulo (USP).
Docente do Curso de Psicologia do
Centro Universitário FAEMA -
UNIFAEMA.
E-mail: pedro.rodrigues@unifaema.edu.br

Submetido: 11 fev. 2022.

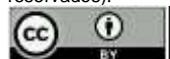
Aprovado: 16 fev. 2022.

Publicado: 24 fev. 2022.

E-mail para correspondência:

pedro.rodrigues@unifaema.edu.br

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.
Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

Quando falamos de afetos, é comum que o primeiro significado que ocorra a nossa mente esteja vinculado ao sentimento de carinho e estima por quem admiramos; e não é nenhum equívoco que se pense dessa forma. Para pensar os afetos, no entanto, deve-se compreender que estes podem vir a ser bem mais complexos do que aparentam, estando presentes em todas as esferas da vida humana. Vladimir Safatle ⁽¹⁾, em “O circuito dos afetos”, nos aponta que todas as sociedades, em seu nível mais fundamental, são um circuito de afetos, eixo pelo qual a própria política se constitui.

Sendo os afetos políticos, a tecnologia também não poderia deixar de sê-lo. Com base nas observações do autor, pode-se inferir que a tecnologia pode ser utilizada como um mecanismo de controle dos afetos das massas, pois com o advento da internet e dos meios de comunicação de massa (como as mídias sociais), os indivíduos estão cada vez mais suscetíveis às novas estratégias de manipulação.

De acordo com Pinto e Moares ⁽²⁾, ao mesmo tempo que exercem uma função de transformação social, a tecnologia também tem a capacidade de ser um instrumento de dominação. Nos últimos anos ela têm dado espaço a agentes mal-intencionados, que utilizam desses meios para a disseminação de notícias falsas, manifestações de violência, crueldade e preconceitos, instigando o potencial autoritário que habita em cada personalidade escondida sob uma conta/perfil na internet, seja no twitter, instagram, facebook ou youtube.

A presente pesquisa, de caráter teórico, calcada em uma perspectiva psicanalítica e sociológica, com base no pensamento freudiano e de alguns pensadores da escola frankfurtiana (como Theodor W. Adorno e Herbert Marcuse), tem como objetivo compreender como a tecnologia pode contribuir no controle dos afetos, e como essa forma de controle pode mobilizar e manipular os afetos por meio de mecanismos tecnológicos como as redes e as mídias sociais.

Busca contribuir também propondo reflexões acerca da dinâmica das massas no ciberespaço e como esta alimenta os discursos fascistas que predominam no cenário polarizado que hoje se apresenta no Brasil.

Objetivos

Por meio da articulação de áreas como a psicanálise e sociologia, objetiva-se investigar a dinâmica do controle dos afetos por meio de inúmeros artifícios, visando analisar também como a inter-relação política e tecnologia midiática contribuem para o controle daquilo que Le Bon chamou de “alma coletiva”, e como essas estratégias adotadas contribuem para o discurso autoritário e agressivo dos sujeitos, seja no âmbito virtual ou real. Deste modo, a pesquisa tem como objetivo não só questionar, mas também refletir acerca da magnitude e dinâmica dos afetos em tempos hodiernos, mediados pela tecnologia. Buscando-se compreender como os meios de comunicação de massa são utilizados para mobilizá-los, bem como estas cada vez mais apresentam o potencial fascista de uma possível personalidade autoritária expressas na nossa cultura contemporânea.

Metodologia

Esta pesquisa, de natureza teórica, selecionou, sistematizou e analisou diferentes fontes bibliográficas, as quais foram selecionadas pelos seguintes instrumentos para a coleta de dados: Google Acadêmico, Banco de Teses (USP), Banco de Teses (UNICAMP), Scientific Electronic Library Online (Scielo), Periódicos Eletrônicos de Psicologia, (PEPSIC) e outros. As fontes bibliográficas desta pesquisa foram selecionadas em livros, revistas, artigos, periódicos e outros, datados do período de 1999 a 2021, procurando selecionar as obras mais recentes (2015 a 2021), salvo as de autores clássicos que se adequam ao método de inclusão, tendo sido utilizado ao todo trinta e seis (36) fontes para a composição deste trabalho.

Resultados e Discussões

Somos envolvidos pelos afetos desde a relação mais simples com o nosso semelhante à mais complexa; e assim como no século XX, o século XXI tem nos mostrado como os indivíduos podem ser facilmente suscetíveis às suas paixões, especialmente quando se unem às massas, pois um indivíduo quando experimenta (por influência da massa) uma mudança profunda em sua atividade anímica, tem sua afetividade intensificada e sua capacidade intelectual diminuída, onde ambos processos apontam para que haja um certo nivelamento entre este e os outros membros do grupo ⁽³⁾.

Ao recorrer ao pensamento proposto por Le Bon, que introduz a noção de uma “alma coletiva”, na qual o sujeito é levado a pensar, sentir e agir de uma forma diferente da qual pensaria, sentiria e agiria se estivesse só, Freud ⁽³⁾ compreende que “as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece sua particularidade” (p. 14). Essa seria a razão pela qual determinados grupos (reacionários ou revolucionários) ao formarem-se, podem se demonstrar tão apegados à sua causa, onde com grande facilidade se deixam guiar pelo coletivo, pois essa superestrutura psíquica que se desenvolvera individualmente nos indivíduos tende a ser desmontada, debilitada.

Portanto, o fundamento inconsciente se torna operante, uma vez que o heterogêneo submerge ao homogêneo quando este se ressalta³. Freud³ compreende que as massas são guiadas quase que exclusivamente pelo inconsciente, e demonstram-se volúveis, excitáveis e impulsivas; podem ser extremamente influenciáveis, crédulas, e acríticas, acreditando que o improvável não exista para ela.

Temos que considerar que vivemos em uma época em que a tecnologia nos faz vibrar e recorrer a tudo que é imediato, portanto, instigando o indivíduo a ignorar o tempo necessário para reflexão ou para o pensamento crítico, incitando a reação ou a atuação inconsciente de seus afetos. Marcuse⁽⁴⁾ compreende a tecnologia como modo de produção, em sua totalidade, e todos os dispositivos e invenções é que caracterizam essa “era da máquina”, o que permite uma forma de “organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação” (4) (p. 73).

Não à toa que os meios de comunicação de massa estão não só cada vez mais inseridos na rotina dos sujeitos como também tem se tornado o veículo de interação mais eficaz por onde ideologias com tendências autoritárias podem dialogar entre si. A internet como modo de produção não só abriu novas portas para o progresso das grandes indústrias, como também possibilitou novas formas de interação humana; cada vez mais tem-se uma sociedade conectada ao virtual, criando comunidades e solidificando bolhas de opiniões e pensamentos. Curtir e comentar é o novo passatempo do brasileiro, seja no Facebook ou Instagram, Youtube ou Twitter.

Se por um lado a internet propicia a democratização do saber e do conhecimento, por outro lado ela também possibilita a subversão do mesmo, pois não é incomum que teorias da conspiração e fake News sejam constantemente abordadas e disseminadas por diversos usuários. O compartilhamento de desinformação, por exemplo, é guiado por fatores psicossociais, uma vez que estando online os sujeitos podem se sentir conectados com a sua “tribo”, seja ela de um partido político, conspiracionista, ativista etc., dessa maneira fica mais evidente a facilidade com a qual os discursos ideológicos conseguem alcançar e impactar tantas pessoas.

Como proposto por Marcuse⁽⁴⁾, a era da tecnologia contribui para que os padrões de individualidade se diluam, considerando que os aparatos tecnológicos, especificamente os meios de comunicação de massa (mídias/redes sociais) facilitam a adesão dos grupos a certas ideologias com tendências autoritárias. Uma vez que podemos compreender a mídia como uma ferramenta capaz de produzir esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo em que vivemos, no intento de falar pelo e para os indivíduos⁽⁵⁾ cabe compreender também que a mídia é um complexo de meios de comunicação responsáveis pela mensagem e recepção, sendo assim, sua característica central é focada na manipulação dos elementos simbólicos⁽⁶⁾.

Pontes e Souza⁽⁷⁾ consideram que a mente grupal está diretamente ligada aos desejos e intenções da Indústria Cultural; que nos permite compreender como o sujeito enquanto parte da massa pode vir a se tornar acrítico acerca da realidade em que vive, tal como o próprio Adorno criticou os indivíduos que aderem cegamente às massas tendem a transformar-se em algo material⁽⁷⁾. A dinâmica dos sujeitos no âmbito virtual enquanto parte de um grupo

expressa perfeitamente a forma com a qual a tecnologia, como sugeriu Marcuse, exerce a função de controle sobre os indivíduos por meio da falta de liberdade que se cria, e que se apresenta aos sujeitos como algo normal, confortável e democrático.

Conclusão

A dinâmica dos sujeitos no âmbito virtual expressa perfeitamente a forma com a qual a tecnologia, como sugeriu Marcuse, exerce a função de controle por meio da falta de liberdade que se cria e que se apresenta aos sujeitos como algo normal, confortável, democrático, de forma até mesmo a se tornar banal. A tecnologia nas mídias é uma expressão do próprio capitalismo, assim como também alimenta o narcisismo; ela segmenta as pessoas. A mídia, portanto, como uma forma de poder, não está preocupada em informar, mas sim, preocupada em produzir mais valor e obter mais lucro, logo, para os meios de comunicação, hoje a moeda é informação. Os algoritmos e mídias são criados justamente com o propósito de vender produtos e ideologias. Não à toa que líderes políticos passaram a utilizar desses novos meios de comunicação para mobilizar os afetos das massas, que é justamente o que ocorre na psicologia de massas, indicando que a tecnologia tem contribuído sobremaneira para o avanço de uma sociedade mais autoritária e fascista.

Palavras-chave: Afetos. Ideologia autoritária. Tecnologia. Psicologia das massas.

Referências

- 1 Safatle V. Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- 2 Pinto DJA, Moraes I. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. Revista de Estudos Sociais, n. 74. Pp. 71-82. Out/Dez. 2020.
- 3 Freud S. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 15.
- 4 Marcuse H. Tecnologia, Guerra e Fascismo. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- 5 Coimbra CMB. Mídia e produção de modos de existência. Psicologia: Teoria e Pesquisa, [v. 17, ed. 1, p. 01-04, 2001.
- 6 Fonseca F. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, jul – dez, 2011, pp. 41-69, 2011.
- 7 Pontes LM, Souza LC. Curtir, Comentar e Compartilhar: O Indivíduo, a Internet e a Indústria Cultural. p. 147 -160. In: Teoria Crítica, Violência e Resistência. São Paulo: Blucher, 2021.